

Entregue à própria sorte

■ Repórter "vira prima" de paciente, entra no hospital e vê o mundo cão

Katia Marsicano

Hospital Regional da Ceilândia, 8h. Dia frio. Venta muito e, no meio da rua, cerca de 50 pessoas se encolhem na fila do pronto-socorro. Estão doentes e precisam de atendimento. As caras pálidas reforçam a impressão de estado de penúria. Até um Melhoral serve, desde que desapareçam suas dores e tenham condições de retomar a luta do dia-a-dia. "Atestado médico é luxo", conforma-se Railda Gomes, doméstica. Estava na fila desde as 7h. Mulheres com crianças que não paravam de chorar, nariz escorrendo, bobagem contar. A cada cinco minutos mais e mais gente.

Cheguei cedo ao HRC. A primeira cena foi aquela. Um batalhão de mendigos da doença. Tinha que saber quem eram aquelas pessoas, o que estavam sentindo, como seriam tratadas. Apesar da expressão de resignação da maioria, de idosos a asmáticos e gestantes, mantinham-se firmes, porém não tão fortes, na fatídica fila do pronto-socorro. Eu precisava entrar e ver de perto o que acontecia lá dentro, depois da porta de ferro, que só autoriza a entrada de pacientes.

O guarda de azul, mal-humorado, da grade, repetia o tempo todo: "Só entra o doente". Passar por sua corpulência era o desafio. Voltei para a tal fila. Encontrei a mulher do dedo cortado, sanguendo, e medo de tétano, a mãe aflita com o filho ardendo em febre, a grávida com contrações e risco de aborto. Eu era a última. Mas não por muito tempo. Alguém chegou chorando. Seu nome: Gisele Chaves, 29 anos. Vinha da Guariroba com fortes dores na barriga. Dificilmente, aguentaria a fila.

Resolvi fazer alguma coisa. Por mim e por ela. De estranha, virei prima e consegui sensibilizar o guarda barrigudo. Passei pela porta de ferro e dei os primeiros passos rumo ao verdadeiro inferno do corredor. Gente escorada pelas paredes, deitada no banco

de espera. Na maca. Feito indigente. Os funcionários iam e vinham, nem ligavam. Furei a fila, providenciei a ficha e em cinco minutos, Gisele estava no consultório. Sorte dela e minha, que acabei usando a doença alheia.

Com um jeito quase sádico, a atendente — enquanto as pessoas sofriam do lado de fora —, conta as últimas da Igreja Universal. No corredor, outra mulher, mais pálida que a primeira. Ivânia Reis, 31 anos, uma hora e meia de fila, com cólicas renais. Só foi consultada às 11h15 e durante seis minutos. Por que demora tanto? Uma funcionária debochou. "É assim mesmo. Dor todo mundo tem. Olha lá a outra desmaiada", tripudia. Três clínicos estavam no plantão. Eu não vi.

Tortura — Gisele foi operada às pressas no final da tarde com diagnóstico de gravidez tubária. De manhã, fez apenas um exame de urina. Ivânia continuava sua tortura. O médico que mais atendia era o pediatra. Chega um homem esfaqueado. Correria no pronto-socorro. Outra mulher desmaiou. O médico veio, verificou a pressão e foi embora. Ela continuou deitada no banco. Eu estava no corredor há uma hora. As pessoas só piorando.

Ivânia queria ir embora para o Hospital de Taguatinga, mas resolveu ficar ali mesmo. Pagar outra passagem, não dá. Do nosso lado, no corredor, quatro pessoas sentadas tomavam soro. Passou a faxineira, puxando chumaços de algodão sujos de sangue, com um rodo. Do lado de fora, a multidão doente ainda esperava. O funcionário de jaqueta de couro gritou: "Pessoal da clínica médica, aqui". Alvoroco. Foi todo mundo para a frente da única porta. Ivânia tentou acompanhar como pôde. Sua tortura só terminou com uma injecção de Buscopan. Fiquei no pronto-socorro três horas. Quando saí, já tinha gente sentada no chão. A prioridade foi dada aos mais dentes.

FOTOS: CARLOS MOURA



Desespero, abatimento e uma imensa sensação de impotência: sentimentos que se misturam à dor da espera

Raio X

850

é o total de atendimentos no pronto-socorro por dia

15

médicos se revezam em quatro turnos da emergência

56

é a média de pacientes por médico

640

URVs ganha um médico da Fundação Hospitalar, por 24 horas semanais

380

URVs recebe, por mês, um atendente de hospital público